

José Vitório Zago e Olgaíses Cabral Maués

Maio de 68: rememoração e reflexões sobre o futuro

A Revista Universidade e Sociedade entrevistou José Vitório Zago, professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e Olgaíses Cabral Maués, professora aposentada da Universidade Federal do Pará (UFPA), ambos da diretoria do ANDES entre 2016 e 2018, para um diálogo acerca do movimento internacional de Maio de 68, que teve foco nas manifestações estudantis por mudanças no setor educacional. O movimento estudantil se uniu aos operários, promovendo a maior greve geral da Europa, com a participação de cerca de 9 milhões de pessoas.

José Vitório Zago

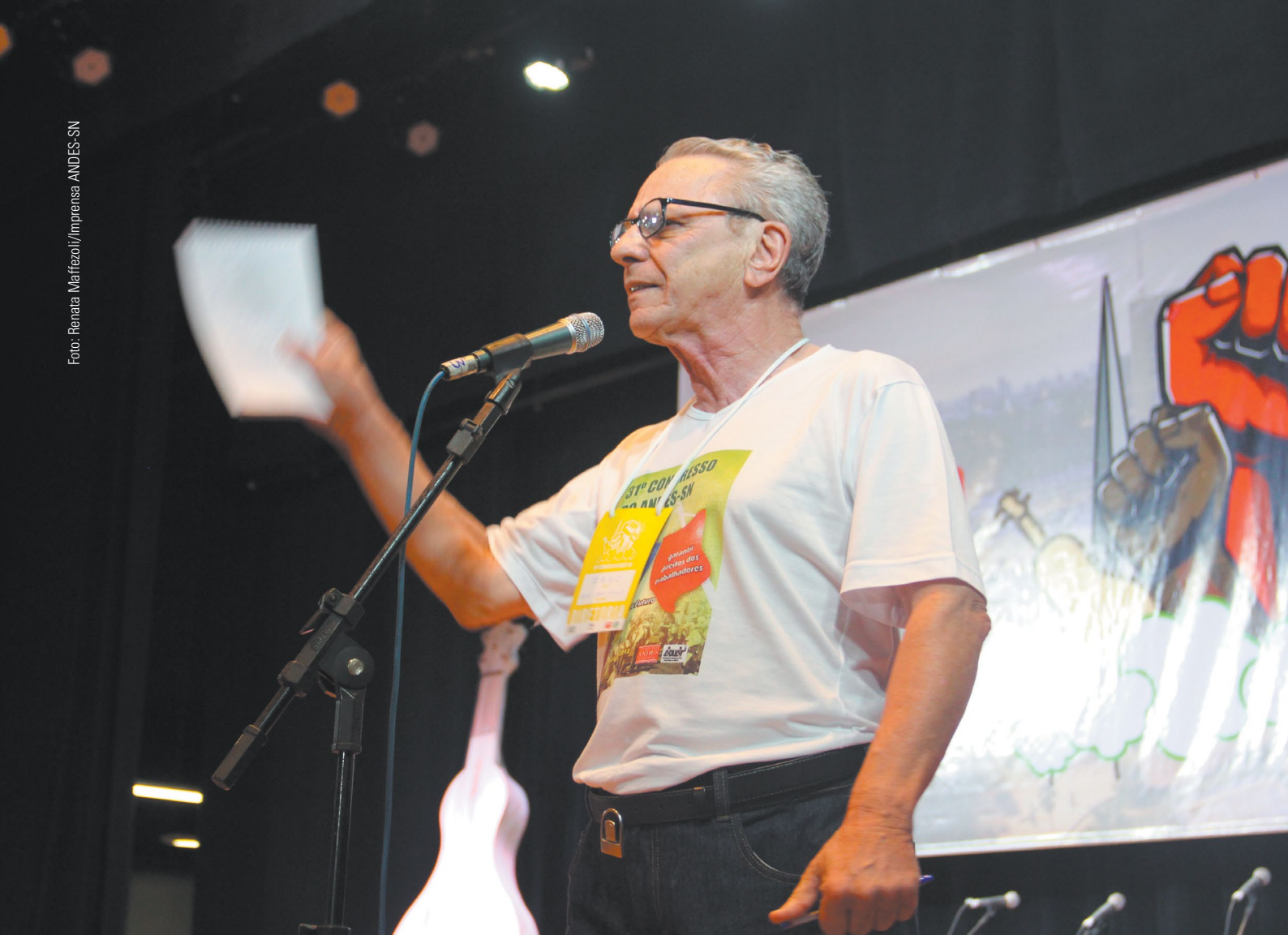
Universidade e Sociedade: Bem, vamos bater um papo acerca do movimento internacional conhecido como Maio de 1968, que é o tema da nossa revista Universidade e Sociedade. Como você, por apuração nossa, vivenciou o momento, nós queríamos, então, saber dessa sua história. Podemos começar perguntando: onde é que você estava em maio de 68 e qual era a sua atuação política naquela época?

José Vitório Zago: Vamos começar a história com março, março de 64, porque, na realidade, isso tem a ver... Em maio de 68, eu estava no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), no último ano. Eu sou da turma de 68 (ano de saída); portanto, eu entrei em 1964, pouco antes do golpe, golpe de Estado, diga-se de passagem. Eu estava no ITA, em 31 de março, ainda no trote, quando houve o golpe em 64 e muitos colegas foram presos, depois, soltos; mas vários (alguns do 5º ano) foram desligados da escola, como Raimundo Rodrigues Pereira (desligado no último

ano), que depois tornou-se jornalista, e José Roberto Arantes (que estava no terceiro ano na turma de 66), que foi para a USP, participou no movimento estudantil na USP e depois foi torturado e morto pela ditadura. Mas o Centro Acadêmico Santos Dumont (CASD) continuou funcionando; eu mesmo fui diretor de imprensa e divulgação e secretário no terceiro e quarto anos.

US: Isso tudo antes do movimento de maio de 68?

JZ: Sim, claro. Em 68, eu estava no último ano do ITA e a gente ainda tinha uma certa liberdade, apesar de estar em um local sob direção geral do Ministério da Aeronáutica, mas a escola era civil, com reitor civil, tinha alguns militares também, cerca de 100 alunos militares e 500 alunos civis. Quando Edson Luís foi assassinado, houve manifestações em todo o Brasil e também em São José dos Campos, apesar de ser uma cidade pequena na época; participamos



de uma passeata na cidade, o que nos rendeu depois um inquérito administrativo, e fomos chamados, nas férias de junho, para prestar depoimento. Uma peruca da aeronáutica passou pela minha casa e me levou ao ITA. Minha mãe ficou apavorada, mas não deu em nada. O problema veio depois, com o AI-5, editado no dia 13 de dezembro, e a nossa formatura era no dia 18 de dezembro. A nossa turma não tinha escolhido paraninfo e aí tivemos que fazer um abaixo-assinado dizendo que a não escolha do paraninfo não foi nenhuma contestação, que a gente não via ninguém com razão para ser homenageado e passou; depois disso, a porteira fechou.

US: Esse é um preâmbulo de 68, claro. Então, atualizando mais um pouco, o que representou essa sua atuação já vislumbrando o Maio de 68, de caráter internacional? Como é que você se percebe com relação ao significado de sua atuação?

JZ: Então, eu sou de uma família muito católica, apesar de que meus pais depois foram para o espiritismo, mas os meus avós eram católicos. Fui da JEC - Juventude Estudantil Católica, por volta de 61, 62. Eu

“ O problema veio depois, com o AI-5, editado no dia 13 de dezembro, e a nossa formatura era no dia 18 de dezembro. A nossa turma não tinha escolhido paraninfo e aí tivemos que fazer um abaixo-assinado dizendo que a não escolha do paraninfo não foi nenhuma contestação, que a gente não via ninguém com razão para ser homenageado e passou; depois disso, a porteira fechou.

estava no colegial e tinha muito estudante universitário em Atibaia, perto de São Paulo. Lá, nós fundamos uma associação de estudantes secundaristas e universitários: chamava-se CESUA - Centro dos Estudantes Secundaristas e Universitários de Atibaia e misturava secundaristas de colégio de 16 a 18 anos e mais os universitários com 20 a 23 anos. A associação também teve um papel bastante importante na cidade e acabou com o golpe de 64. Quando entrei no ITA, aí eu fui para a JUC - Juventude Universitária Católica. Em 68, aconteceu o famoso Congresso da UNE, em Ibiúna, e houve participação de estudantes do ITA.

US: Conte-nos mais sobre esse momento político...

JZ: Então, o José Dirceu nos visitou, mas seu concorrente, o Luís Travassos, da AP, não.

US: A ação popular?

JZ: Ação Popular - AP, que foi oriunda na realidade em grande parte da JUC. Que sofreu um processo de esquerdização nesse período. A JUC, em 60, 61, estava mais à direita, mas, em 62 e 63, tinha avançado para a esquerda e, com o golpe, muitos aderiram à AP e foram para a clandestinidade. Eu acho que essa minha militância influenciou, de certa maneira, a minha vida daí para frente.

US: Você considera que isso foi determinante para você, esse envolvimento inicial na igreja católica e tal? Esse movimento foi determinante para a sua formação e também para a sua militância, em seguida?

JZ: O ITA tinha características especiais, havia alojamento para todos os estudantes, restaurante gratuito e, como não havia tanta facilidade de transporte, então você ficava lá, às vezes, no mínimo um, dois meses, daí, tinha um período de uma semana que você ia para casa. Então, a vida lá era muito intensa em termos políticos; a gente lia muito. Tinha uma biblioteca do centro acadêmico com livros. Eu mesmo fui da comissão de biblioteca do CASD, andei comprando livros... Até me lembro de um episódio em que solicitei a compra, pela aeronáutica, de um livro do Roger Garaudy, intelectual do Partido Comunista Francês e eles compraram.

US: Compraram? Olha só como você foi ousado... [risos]

JZ: Mas ele já era meio que dissidente; depois, virou islâmico.

US: Já tinha baixado a guarda...

JZ: Mas é um livro muito bom. Discutíamos muito política, porque você convivia diariamente, nos estudos, nas refeições, no dormitório, nas atividades esportivas; então, os laços são muito fortes e isso, às vezes, tem traços ruins, que é o espírito de corpo.

US: Foi um amplo processo de formação...

JZ: Então, eu acho que aprendi bastante... Aprendi bastante e saí em 68, trabalhei alguns meses em uma

fábrica de máquina de costura em Mogi das Cruzes, não gostei; daí, fui para a escola de engenharia de Lins, trabalhei seis meses lá; e depois fui pra Unicamp.

US: Mas a militância partidária veio quando?

JZ: A militância partidária, na realidade, foi depois que eu voltei dos Estados Unidos. Eu fui trabalhar em Lins, tentei voltar para o ITA para fazer pós-graduação, porque eu trabalhava só um dia e ganhava o equivalente a uma semana no meu emprego anterior. Trabalhava como engenheiro, mas trabalhei só seis meses; aí, fui para o ITA e o professor da área de pesquisa operacional aceitou a minha inscrição, mas o reitor recusou [risos], dizendo que eu vivia reclamando da escola, por causa da militância política. Aí, eu fui fazer pós-graduação em São Carlos, que era muito mais perto de Lins do que São José dos Campos. Então, o meu orientador foi convidado para ir para a Unicamp ajudar na implantação do curso de ciência da computação, que tinha sido recém criado e eu fui contratado já com o compromisso de ir para os Estados Unidos. Fiz o mestrado na Unicamp, comecei em São Carlos e terminei na Unicamp, e daí, em 72, eu fui para a Universidade de Wisconsin-Madison.

US: Voltemos para a militância estudantil...

JZ: Já nessa época, eu havia começado a ler o livro do Deutscher, publicado pela editora Civilização Brasileira, do Ênio Silveira, que publicou a trilogia da biografia de Leon Trotsky O profeta desarmado, O profeta armado e O profeta banido. E, nos Estados Unidos, na Universidade de Wisconsin, havia muito ativismo estudantil. Madison tinha 200 mil habitantes, a universidade tinha 60 mil estudantes. Um dia da semana, no centro de convivência estudantil, as organizações políticas expunham o seu material. O espectro ideológico ia desde a juventude republicana da direita até a extrema esquerda.

US: Tem aí várias organizações...

JZ: O menu era amplo e a minha escolha foi o Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP), cujo jornal era o The Militant.

US: Como ele se situa no campo da esquerda?

JZ: Tinha organizações mais à esquerda ainda,

como o Weatherman Underground, mas esse não expunha seu material, pois eram clandestinos, como o nome indica. Temos que lembrar que os EEUU estavam envolvidos na guerra do Vietnã e a contestação da juventude era muito forte.

US: Boa lembrança na História internacional...

JZ: E aí, quando voltei pra Unicamp, em 76, a situação política começava a se modificar. O governo militar tinha perdido as eleições de 1974, o Herzog torturado e morto em 1975, o Manoel Fiel Filho assassinado em 1976 e o movimento estudantil na Unicamp estava forte. Eu tinha então 31 anos e a diferença de idade com os meus alunos não era muito grande. Eu lia todos os panfletos estudantis, os murais, e me interessei por um grupo que se chamava Porta Aberta, que tinha esse nome devido à tenta-

“ Eu tinha então 31 anos e a diferença de idade com os meus alunos não era muito grande. Eu lia todos os panfletos estudantis, os murais, e me interessei por um grupo que se chamava Porta Aberta, que tinha esse nome devido à tentativa da universidade fechar as portas das salas para que os grupos não as ocupassem para suas reuniões. Do Porta Aberta participavam muitos independentes, mas a principal organização por trás dela era a clandestina Liga Operária, à qual me integrei no final de 1977.

tiva da universidade fechar as portas das salas para que os grupos não as ocupassem para suas reuniões. Do Porta Aberta participavam muitos independentes, mas a principal organização por trás dela era a clandestina Liga Operária, à qual me integrei no final de 1977.

US: Fale mais sobre essa organização clandestina, por favor.

JZ: Sim. A liga operária foi iniciada por quatro brasileiros que tinham se exilado no Chile. Saíram de lá no golpe do Pinochet, passaram pela Argentina e, no Brasil, em 1974, se localizaram no movimento estudantil, apesar de o nome ser liga operária [risos]. Era o setor que possibilitava, na época,

um crescimento mais rápido. O que aconteceu? Em 1977, quando nela entrei, já tinha uns 100 militantes, principalmente da UFF, da Unicamp e de São Carlos. Analisando a conjuntura e principalmente as primeiras movimentações operárias, a liga operária resolveu lançar um movimento por um partido socialista. E fizemos duas grandes reuniões em São Paulo; uma era para ser no teatro Ruth Escobar, mas ela foi pressionada e voltou atrás no dia. Então, nós fomos em passeata da Bela Vista até a Rua Augusta, para o Colégio Equipe, onde reunimos perto de oitocentas pessoas. Um velho garçom que tinha sido militante trotskista na juventude discursou e quase enfartou de tanta emoção. Isso foi no começo do ano; depois, a gente fez um outro em agosto numa escola, no Cambuci, com mais de 1.000 pessoas, onde esteve presente Nahuel Moreno (trotskista argentino). Ninguém deveria saber, uma terrível falha de segurança.

“ Aproveitamos as eleições para lançar candidatos pelo MDB e abrir sedes de comitês de candidatos e depois das eleições ficamos por lá como uma associação civil “Convergência Socialista”. E foi como Convergência que participamos da fundação do PT como um partido classista, até que, em 1992, fomos expulsos por apoiarmos o ‘Fora Collor’, porque o PT era contra, porque achava que era golpe; essa é a verdadeira história.

US: O que aconteceu? Começa o seu vínculo político mais específico...

JZ: O que aconteceu?! Fizemos isso e, uma semana depois, quase todo o comitê central da liga operária foi preso e o Nahuel Moreno também. Aí, nós tivemos que fazer uma grande campanha internacional para Moreno ser extraditado, mas não para a Argentina [risos]; para a Colômbia...

US: Mais uma estratégia de segurança...

JZ: Onde ele morava na ocasião. Para a Argentina seria a morte. Fomos bem-sucedidos, tivemos um movimento de solidariedade internacional formidável e Moreno foi extraditado para a Colômbia. Para o Brasil, ele voltou em 1984, convidado pelo Mauricio Tragtenberg (que era professor na FGV) para dar uma palestra. Com a prisão dos companheiros, o tal

do partido socialista não se concretizou, mas usamos a iniciativa para “legalizar” a Liga como Convergência Socialista.

US: Convergência, a famosa Convergência...

JZ: Aproveitamos as eleições para lançar candidatos pelo MDB e abrir sedes de comitês de candidatos e depois das eleições ficamos por lá como uma associação civil “Convergência Socialista”. E foi como Convergência que participamos da fundação do PT como um partido classista, até que, em 1992, fomos expulsos por apoiarmos o ‘Fora Collor’, porque o PT era contra, porque achava que era golpe; essa é a verdadeira história.

US: O PT considerando o *impeachment* de Collor como golpe...

JZ: Isso em um primeiro momento. Quando a massa, o PC do B, Convergência e alguns outros grupos foram para a rua e o Collor desafiou e se ferrou, aí, eles deram uma reorientada e votaram pelo impedimento, só que aceitando a posse do vice Itamar Franco, aspecto que a Convergência não concordava. Voltando a 1977: em maio desse ano, fundamos, com diversos companheiros, a Adunicamp (Associação de Docentes da Unicamp), da qual fui o primeiro presidente.

US: A Adunicamp que é uma das nossas seções sindicais com mais de 40 anos...

JZ: Isso, perfeito. Em 2017, fez 40 anos e foi uma das primeiras associações de docentes fundadas e o ritmo foi de uma associação docente formada de 77 a 81 e a realidade da luta impunha uma unificação e centralização nacional. Por isso, foram realizados três ENAD (Encontro Nacional de Associações Docentes). O terceiro ENAD foi na Unicamp, em 1981.

US: Fale-nos sobre esse início da ANDES...

JZ: Sim... Logo veio o congresso de fundação da ANDES. Eu não participei do congresso de fundação, porque em 1980 fui pra Bélgica, para fazer um pós-doutorado, e só voltei em 82. Em 79, no governo Maluf, houve uma primeira grande greve dos funcionários públicos do estado de São Paulo. Eu ainda era presidente da Adunicamp e convocamos uma assembleia para discutir a decretação da greve. A Associa-

ção de Servidores era dirigida por uma diretoria cujo presidente era o procurador da Universidade e, questionado sobre sua oposição sobre a greve, respondeu que era ilegal! Mas aí, a oposição fez um arrastão pelo *campus* e trouxe os funcionários para a assembleia da Adunicamp, onde foram acolhidos, e demos início a uma experiência muito interessante. Passamos a fazer assembleias conjuntas, comando de greve unificado e tarefas da greve conjuntamente, como limpar as salas e banheiros, preparar lanches, fazer faixas e cartazes. Para separar essa união real, forçada pela realidade de funcionário técnico-administrativo e professor, foram necessárias três ou quatro gestões da Adunicamp. Para os funcionários, a greve resultou na vitória da oposição na eleição realizada no fim de 79. Voltando da Bélgica, continuei militando também com funcionários e fundamos o Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, de cuja diretoria participei por nove anos.

US: Muito interessante essa integração entre o corpo técnico-administrativo e docentes...

JZ: Sim. Fui diretor da FASUBRA. Antes, participei de três congressos da ANDES: Goiânia, em 1987, Juiz de Fora, em 88, Londrina, em 90. Em 91, participei do congresso da FASUBRA, em Curitiba, que também estava sediando o Congresso do ANDES nos mesmos dias.

US: Agora já ANDES, Sindicato Nacional...

JZ: Sim... Então, dei um alô lá para os companheiros professores da Unicamp. E para o congresso do ANDES voltei em 2000, em Juiz de Fora de novo. Então é isso, depois daí...

US: Sim. Depois, a história é mais conhecida.

JZ: Aí não tem nada a ver com Maio de 68.

US: Sim, tratamos a sua história de militância até o momento mais recente. Então, Zago, finalizando: já que você tocou na Adunicamp e no ANDES, como você vê a importância do Sindicato Nacional fazer uma homenagem a esse cinquentenário de Maio de 68?

JZ: Então, falando da importância do Sindicato Nacional primeiro: aprendi muito, fui diretor em cinco gestões. Na primeira, como o primeiro vice-presidente (VPR) da Regional São Paulo; depois te-



Foto: Renata Maffezoli/Imprensa ANDES-SN

soureiro; daí, teve um interregno obrigatório; depois, mais duas vezes tesoureiro, saí em 2010; depois, voltamos em 2016 como segundo VPR da Regional São Paulo. Eu acho que o ANDES é um sindicato bom. Eu amadureci bastante. Tem alguns problemas, mas acho que ele teve um papel fundamental nessa travessia dos 14 anos de governo de frente popular; não capitulou até agora, não vou entrar na conjuntura atual, então, em primeiro lugar, eu acho que devo ao ANDES grande parte da minha maturidade política. Acho que contribuí também, na medida do meu esforço. Mas a pergunta, qual que era mesmo?

US: Do Sindicato fazer essa referência ao Maio de 68.

JZ: Sim. E a referência à Revolução Russa no ano passado.

US: Ah sim, boa lembrança...

JZ: Gostaria de lembrar que, como a gente sempre é muito ousado, a gente queria fazer um encontro internacional, que era corretíssimo, corretíssimo.

US: Certamente...

JZ: Não tenha dúvida, mas, infelizmente, por ser internacional, todas as grandes figuras já tinham suas agendas cheias. Mas fizemos um encontro nacional que também foi bom, então, eu acho que comemorou corretamente. O significado da Revolução Russa,

apesar da queda dos estados operários degenerados e deformados e, evidentemente, essa queda também tem avaliações diferentes, que têm incidência sobre a conjuntura e sobre a esquerda mundial e sobre a esquerda no Brasil. Então, propiciou pra gente um bom estudo da Revolução Russa também; não só comemoração, mas estudo também.

US: De ampliação do conhecimento e reconhecimento de seu valor histórico para a classe trabalhadora...

JZ: É, de um novo olhar, depois de 100 anos, tanto da Reforma Universitária de Córdoba como da Revolução Russa. Então, eu acho correto que grande parte dos mais velhos seja ouvida. Aqui no ANDES, alguns que passaram por essa experiência, ou participaram diretamente, já morreram, infelizmente. Então, acho muito importante que o ANDES cuide de sua histó-

“ Mas eu acho que o Sindicato tem que comemorar o Maio de 68 e tantas outras datas... Não é bem comemorar, mas lembrar os 130 anos da abolição da escravidão de uma maneira crítica. Abolição sem reparação.

ria e do movimento dos trabalhadores, como estamos fazendo aqui no CEDOC; com a história do ANDES, a preocupação com a memória (independente das posições políticas), a importância que a gente dá para a memória da classe trabalhadora. Nós fazemos parte da classe trabalhadora. Fomos da juventude estudantil e isso é importante. Considero que nossa aliança com os técnicos administrativos deveria avançar mais no sentido de uma aliança orgânica, mas disso já desisti.

US: Esse é um assunto complexo e polêmico na categoria...

JZ: Mas eu acho que o Sindicato tem que comemorar o Maio de 68 e tantas outras datas... Não é bem comemorar, mas lembrar os 130 anos da abolição da escravidão de uma maneira crítica. Abolição sem reparação.

US: Concordo. Outra comemoração é o Bicentenário de Marx...

JZ: Pode ser também. E isso faz com que a gente caminhe, chupe a cana e assobie ao mesmo tempo.

Vai tentando resolver os problemas do dia a dia, um de cada vez, e relembrar e educar as novas gerações...

US: É assim que você vê os ecos desse Maio de 68? No sentido de fazer essa formação e tal?

JZ: Agora mesmo, por exemplo, tem movimentação nos Estados Unidos. Nós estamos vivendo a manutenção na juventude secundarista. Elas são, na realidade, um símbolo da degenerescência do capitalismo. O porte de arma nos Estados Unidos cumpriu um papel progressivo em um certo momento. Eles fizeram duas revoluções: uma da independência e a outra da guerra civil. Conformaram o país na realidade; evidentemente, a gente não reivindica o que vem depois, porque, pela lógica do capitalismo, os EEUU se transformaram em um país imperialista, o principal país imperialista. Mas a História dos Estados Unidos é interessante também, tem muita coisa escondida. Como a gente aqui esconde a nossa História, as rebeliões populares, as rebeliões negras, nos Estados Unidos é a mesma coisa: há uma ocultação da luta operária, inclusive dos anarquistas, na década de 20, que sofreram uma repressão terrível pelo medo causado pela Revolução Russa.

US: Essa situação é parte do desvio da História internacional e de nossa História...

JZ: Sim. Essa Revolução foi reprimida e, depois, isso teve reflexo também na segunda onda repressiva, depois da segunda guerra, que foi o macarthismo. O escritor Dalton Trumbo, que era roteirista em Hollywood, foi obrigado a trabalhar com nomes falsos por ter sido acusado de comunista.

US: Então, realmente a gente tem que ver a História... E se referenciar por esses movimentos, para a luta...

JZ: Sim. Para a luta atual e da nossa juventude. A juventude dos Estados Unidos... E a nossa juventude vai lutar também. Do jeito que está o Brasil e a educação, vai ter que lutar com UNE, sem UNE, contra UNE...

US: Com certeza! Zago, a gente agradece muito a sua colaboração para a revista Universidade e Sociedade.



Foto: Renata Maffezoli/Imprensa ANDES-SN

Olga Cabral Maués

Universidade e Sociedade: A professora Olga Cabral Maués vai nos brindar com uma breve entrevista acerca do movimento internacional conhecido como Maio de 68. Então, professora, onde você estava e qual foi a sua atuação política naquele período?

Olga Cabral Maués: Em maio de 68, eu era estudante do curso de pedagogia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará. Isso foi antes da reforma universitária desse mesmo ano. Eu era aluna do curso de pedagogia e tinha uma atuação bem destacada, porque a minha militância começa antes de eu entrar na universidade. Eu fui casada com um ativista, militante do PCB, que foi preso pelo golpe de 64, portanto, foi da primeira leva de presos no governo do Castelo Branco...

US: Isso dá uma mexida na sua vida política...

OM: A minha militância já era anterior à universidade. Quando eu entrei na educação superior, já tinha uma história de participação em movimentos. Então, o ano de 1968 foi marcante, em vários aspectos. Ocorreu a reforma universitária (Lei 5.540), aprovada em novembro daquele ano e antecedida por passeatas e outras mobilizações que se coloca-

vam contrárias àquela proposta que considerávamos ser decorrente dos acordos MEC/USAID.

US: Lembrar das atrocidades daquele período...

OM: Mas, de fato, este movimento ocorre em todo o mundo e no Brasil. Eu tenho em minha lembrança como marco também o ano de 1966, quando o Castelo Branco criou o Movimento Universitário para o Desenvolvimento Econômico. Naquele ano, a UNE promoveu uma grande greve. Essa mobilização se espalhou muito nas universidades brasileiras e demonstra uma antecipação do que veio depois. Então, a movimentação e mobilização de estudantes já eram muito grandes, anteriores a 68. Isso quer dizer que houve um crescimento das ações na medida em que os governos militares foram endurecendo, porque, de início, a gente achava que o Castelo Branco seria o fim do mundo e vimos que, em uma escala comparativa, o Costa e Silva foi pior. Depois, vieram outros que aprofundaram a repressão, como Médici, Geisel e Figueiredo.

US: Endureceu mais ainda...

OM: Eles endureceram muito mais. O próprio Costa e Silva foi com quem criou o AI-5. Então esse era o meu lugar.

US: Seu lugar faz essa referência ao período anterior e constata aspectos antecedentes a 68 no Brasil com essa efervescência toda. O que você nos diria a respeito do seu aprendizado político, do seu envolvimento na militância a partir disso?

OM: O movimento foi muito grande, porque nós participamos da organização do movimento estudantil. Quando nós entramos no curso de pedagogia, não existia um diretório ou centro acadêmico. Então, nós fundamos. Eu fui da primeira diretoria do centro acadêmico do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, o que foi muito significativo e um grande aprendizado. Existia um diretório da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, mas o curso de pedagogia não tinha o seu Centro Acadêmico. Então, nós criamos esse diretório, esse centro; na época chamava centro mesmo e fizemos várias movimentações, porque o período era de muita repressão. Nós



A Reforma Universitária já vinha sendo gestada. Isso foi em novembro de 68. Então, o movimento era contra essa reforma, que se juntou com a repercussão do assassinato do estudante Edson Luís pelas forças da repressão. Ele era paraense, apesar de morar no Rio, e sua morte causou uma grande comoção nacional, teve repercussão... Naquele período, nós saíamos com muita frequência em passeatas, fizemos o enterro simbólico daquele reitor, com caixão e tudo.

tivemos um reitor que, infelizmente, hoje é o nome do *campus* da Universidade Federal do Pará, que era alinhado com os governos militares e colocava a UFPA como uma reprodutora da repressão e da caça aos “subversivos”. Quero destacar que, em uma conversa com o reitor, na época do funcionamento da Comissão da Verdade, solicitamos a mudança do nome do *campus*. Mas o reitor falou que deixaria isso para o próximo reitor, pois ficava estranho, tendo em vista que praticamente os mesmos conselheiros que aprovaram a homenagem teriam que votar pela retirada do nome. Mas foi na gestão desse reitor, em 1968, que fizemos uma grande greve.

US: Hummm... De estudantes?

OM: Dos estudantes. Uma greve que foi de ocupação. A única greve na minha vida que eu fiz de ocupação. Nós ficamos dentro das faculdades, nos revezávamos, porque ali a gente dormia, comia, tudo. A gente revezava: um grupo sai, vai em casa tomar banho e pegar roupa, enfim.

US: A principal reivindicação teve vinculação com a ditadura militar?

OM: Era por causa da ditadura militar. Nós tínhamos um ministro da educação, o Flávio Suplicy de Lacerda, que era muito duro. A Reforma Universitária já vinha sendo gestada. Isso foi em novembro de 68. Então, o movimento era contra essa reforma, que se juntou com a repercussão do assassinato do estudante Edson Luís pelas forças da repressão.

US: Sim, nós o estamos homenageando neste número da Revista por conta do cinquentenário de sua morte...

OM: Ele era paraense, apesar de morar no Rio, e sua morte causou uma grande comoção nacional, teve repercussão... Naquele período, nós saíamos com muita frequência em passeatas, fizemos o enterro simbólico daquele reitor, com caixão e tudo. Havia um grupo que era basicamente o pessoal da medicina e o da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; inclusive, não era ainda *campus*, como é o modelo de hoje. As nossas faculdades eram muito próximas, na mesma rua, quase uma em frente à outra. Então, a gente se congregava muito para fazer tudo isso. A gente tinha alguns professores nossos, inclusive um diretor da nossa faculdade que foi cassado pela ditadura. Ele nos deu total apoio, foi um dos poucos em Belém em termos de professor. Ele foi exonerado, foi cassado, perdeu o emprego. A polícia era muito violenta, era uma polícia que vinha pra cima da gente a cavalo... Eu lembro bem desse episódio, porque era muito mais difícil a gente correr e tudo mais com cavalo em cima. Foi um aprendizado que marcou a minha vida.

US: Obviamente, a sua militância deve muito a esse período de aprendizado político e formação... Muito bem, Olga, trazendo um pouco mais para a atualidade, como é que você vê essa homenagem do ANDES ao Maio de 68?

OM: Eu acho importante que a gente rememore, porque eu acho que a gente tem que conhecer o passado, não necessariamente reverenciá-lo, mas conhecê-lo, para poder construir o futuro, e eu acho que nós vivemos uma onda muito meio pós-moderna, do presentismo, da destruição das metanarrativas e é importante que se recobre esse movimento de 68, não somente a diretoria, mas o ANDES como um todo...

US: Com os seus filiados...

OM: Com os seus filiados... Teve uma renovação geracional muito grande, muitas pessoas aposentadas, apesar de que isso é muito importante também para nós aposentados... Mas teve essa renovação que é natural e cada período (décadas ou anos) é marcado por grande renovação; por vezes, até pelas políticas que são postas e que muitas vezes nos impulsionam a solicitar a aposentadora, como agora, com a contrarreforma da previdência, que ameaça muita gente. Enfim, eu acho que o ANDES está cumprindo um papel que é importante quanto à divulgação, à rememoração e, sobretudo, ao seu posicionamento. Em 68 não existia o ANDES, que surge em 1988 como sindicato e que tem sido fiel aos princípios dos direitos humanos, do direito à liberdade, da democracia (não à democracia burguesa) e da luta pelo socialismo. Então, o ANDES está dentro do papel que historicamente vem cumprindo e a gente vem defendendo pra que ele não perca esse papel, que ele se mantenha nessa linha na qual foi fundado.

US: Certo. Interessante você colocar isso, expandindo um pouco mais para o caso do ANDES. Olga, como é que a gente pode olhar o Maio de 68 hoje, no Brasil atual?

OM: Às vezes eu fico muito surpresa com a posição regressiva de pessoas que participaram não só do Maio de 68, às vezes um pouco depois, porque o golpe só termina em 85, apesar de que, já a partir de 79, você já tem a anistia, mesmo sendo uma anistia que a gente critica até hoje, porque ela foi anistia para os dois lados: os torturados e os torturadores. Não tem nenhum militar preso por causa disso, ao contrário, eles têm sido elogiados. Hoje eu vejo que muitos, muitas lideranças e movimentos estudantis daquela época mudaram completamente de posição.

Tem pessoas que participaram de momentos importantes – até da guerrilha do Araguaia, no Pará – que mudaram de posição, mas nós temos ainda pessoas que estão na luta; alguns que desviaram pra corrupção – não vou citar nomes – tinham um papel muito importante naquele momento. Mas eu acho que a gente precisa divulgar mais o que foi esse período e o que representou 1968. Tem um livro importante sobre isso, do Zuenir Ventura: “1968, o ano que não terminou.”

US: Uma literatura interessante...

OM: Eu acho que nossos colegas professores e nossas colegas professoras que são dessa geração da renovação não conhecem, que muita gente não tem dimensão; não é só do Maio de 68, acho que a gente teria que ter mais eventos. Não significa só semi-

“ Enfim, eu acho que o ANDES está cumprindo um papel que é importante quanto à divulgação, à rememoração e, sobretudo, ao seu posicionamento. Em 68 não existia o ANDES, que surge em 1988 como sindicato e que tem sido fiel aos princípios dos direitos humanos, do direito à liberdade, da democracia (não à democracia burguesa) e da luta pelo socialismo. Então, o ANDES está dentro do papel que historicamente vem cumprindo e a gente vem defendendo pra que ele não perca esse papel, que ele se mantenha nessa linha na qual foi fundado.

nários, mas momentos que a gente pudesse discutir mais, como, por exemplo, agora, quando tem tantos cursos falando de golpe. Acho que a gente podia ter um curso pra ver o que é golpe, qual o real sentido de golpe, o que é golpe militar...

US: Eclodiram cursos sobre o golpe de 2016 pelo país...

OM: Sim, tem que discutir um pouco essa questão de golpe pra ver se de fato o *impeachment* foi um golpe. Eu me preocupo com isso porque essa geração que viveu mais é uma geração que está saindo dos holofotes, ou seja, está se aposentando ou mudou de posição; ou, ainda, se continua militando, já está

querendo parar pela própria dinâmica da vida, do cansaço da idade. Então, eu acho que a gente precisa conhecer melhor o que foi o golpe de 1964 para que a gente não saia nas ruas, como se viu na época do *impeachment*, com cartazes, pedindo a volta dos militares, da ditadura militar...

US: Pedindo intervenção militar...

OM: Como se isso fosse a solução... Mas a gente não pode dizer que o golpe que nós vivemos 21 anos seja igual à intervenção. Eu acho que tem um desconhecimento grande... Na educação superior havia a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros.



Mas a gente não pode dizer que o golpe que nós vivemos 21 anos seja igual à intervenção. Eu acho que tem um desconhecimento grande... Na educação superior havia a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros. Obrigatória, tinha que fazer... Eu acho que há um desconhecimento e que esse 50 anos de Maio de 68 possivelmente vai possibilitar descortinar alguns aspectos...

US: Disciplina obrigatória...

OM: Obrigatória, tinha que fazer... Eu acho que há um desconhecimento e que esse 50 anos de Maio de 68 possivelmente vai possibilitar descortinar alguns aspectos...

US: Pelo menos tem mais conteúdo, divulgação e informações a respeito do período do que foi 64, passando por 68; daí, nós podemos entender um pouco mais essa conjuntura...

OM: Certamente.

US: Olga, a Revista Universidade e Sociedade agradece muito sua acolhida para a entrevista. US